


RODRIGO VIEIRA DIAS

# A IMPERDOÁVEL ESCOLHA DE BLACK



“Para sobreviver à tempestade é preciso rumar  
em direção às ondas, por maiores que sejam.”

**RODRIGO VIEIRA DIAS**

# **A IMPERDOÁVEL ESCOLHA DE BLACK**

Edição de Autor  
2019

Copyright © 2019 Rodrigo Vieira Dias

Todos os direitos reservados

Fotografia de capa: Adriano Mendes

2.<sup>a</sup> edição: Novembro de 2019

Para a K,  
dez anos é muito e por isso dez anos é pouco

Voávamos a trinta mil pés quando ele disse em voz alta:

— Daqui de cima vejo o mar cheio de águas-vivas.

Recusei-me a parar de ler o livro para dar atenção ao meu vizinho do lado. Ainda não conseguia acreditar que tinham deixado aquela criatura de caracóis até aos ombros e túnica azul a roçar o chão sentar-se em executiva. Felizmente havia um lugar vazio entre nós.

— Oh! Esquece — continuou — É só plástico.

Lembrei-me da recomendação do meu coach e respirei profundamente, tentando observar a diferença entre o ar que entrava e o ar que saía.

— Cuidado! — gritou ao mesmo tempo que batia com a mão aberta na janela do avião — Não são águas-vivas. É plástico.

Fechei o livro violentamente. Que se fodesse a respiração. Ele levantou-se e sentou-se sobre as pernas no lugar do meio. Um lugar era claramente pouca distância. Debruçou-se sobre mim, nada intimidado com a minha fúria.

— As tartarugas vão comer o plástico a pensar que são águas-vivas — explicou-me, os olhos verdes fixos em mim.

Tinha os olhos ligeiramente marejados e eu senti a minha raiva desvanecer. Olhei para lá dele e vi que o céu azul tinha passado a cinzento. Estávamos no meio de nuvens. Podia ser que ele se acalmasse, agora que já não conseguia ver nada lá fora. A assistente de bordo que acompanhava o miúdo aproximou-se. Movia-se graciosamente, as ancas e as mamas esculpidas em linhas curvas impossíveis. Debruçou-se sobre mim e eu voltei a respirar fundo. Desta vez por outra razão. O

cabelo preto, os olhos escuros com um risco discreto e o nariz ligeiramente quebrado para a direita faziam-me lembrar a acompanhante que às vezes chamava lá a casa. Imaginei-me a pedir-lhe o número de telefone.

— Está tudo bem, Adeh? — perguntou a assistente-sensual.

*Adeh?! A sério!* Ele limpou os olhos com a manga e perguntou:

— Ainda falta muito tempo para chegarmos?

— Falta pouco. Daqui a uma hora aterramos em Lisboa — respondeu ela com um sorriso maternal, diferente do sorriso sedutor com que me tinha brindado ao entrar no avião, mas nem por isso menos apetecível.

— Jogas xadrez? — perguntou ele, logo de seguida.

Demorei alguns segundos a perceber que a pergunta era para mim. Desconcertado, respondi-lhe:

— Não jogo com crianças.

Ele tirou da sua mochila um tabuleiro magnético e começou a colocar as peças. Ignorei-o. Pedi à assistente-sensual que me trouxesse um whisky e continuei a ler. Em vez de ir buscar a bebida, ficou ali parada a olhar para mim.

— Sem gelo, querida — disse-lhe, mas ela não se moveu.

Perdi a vontade de lhe pedir o número de telefone. Envergava o mesmo olhar duro da tia Berta quando um dia me apanhou a queimar formigas com uma lupa. Pousei o livro, suspirei e voltei-me para a criatura. O tabuleiro de xadrez estava pronto, pousado à sua frente. Ele sorria e escrevia alguma coisa num papel. Reparei que o céu estava outra vez azul. As nuvens tinham desaparecido. Decidi que seria melhor jogarmos xadrez, antes que ele se pusesse de novo a bater na janela.

— Brancas ou pretas? — perguntei.

Ele respondeu com outra pergunta:

— Já jogaste à bomba? — sem esperar resposta, continuou — Primeiro podes escolher duas casas onde estão as bombas. Se alguma peça entrar numa dessas casas, a peça rebenta e sai de jogo. Sempre que isso acontecer, podemos escolher casas novas. Percebeste?

Irritava-me que falasse como se tivéssemos a mesma idade.

— Claro. Os peões formaram um soviete, as torres foram abandonadas e os bispos foram excomungados. Tudo enquanto o rei e a dama praticam o amor livre com os cavalos. É o xadrez dos hippies?

Ele pousou o papel e respondeu-me com um sorriso, como se eu fosse parvo.

— Tu estás é com medo! — acusou-me.

— Disparate! — respondi — Olhe, se quiser jogamos xadrez, senão quiser eu volto para o meu livro.

— Começo eu de brancas, que sou mais novo — e moveu o peão para e4.

Eu respondi com e5. Ele continuou com o cavalo para f3 ameaçando o meu peão, que eu protegi com o cavalo em c6. Adivinhava-se um jogo chato. Quando ele moveu o bispo para c4, continuando a aborrecida abertura italiana, decidi acabar com aquilo rapidamente. Movi o meu cavalo para d4, deixando o peão desprotegido. Se ele mordesse o isco teria o caminho aberto para fazer mate à sétima jogada.

— Para que é que foi isso? — reagiu, fazendo roque pequeno, ignorando a minha armadilha.

O raio do whisky nunca mais chegava e eu dei por mim a pensar no filho-do-comendador. Que pensaria o velho daquele pequeno hippie, que gritava para tartarugas a trinta mil pés de altitude, não caía no gambito Kostic e viajava sozinho de avião?

— Idiota. O menino é um idiota — ouvia eu invariavelmente quando jogava contra o filho-do-comendador.

O xadrez entrou violentamente na minha vida nas férias grandes da segunda classe. Depois do primeiro almoço desse verão, enquanto nos deliciávamos com uma baba de camelo feita pela Dona Alzira, o filho-do-comendador levantou-se com um embrulho de papel pardo na mão e anunciou:

— Está na hora dos meninos aprenderem a jogar xadrez.

Então, num ritual claramente exagerado, e com um raro sorriso, utilizou a pequena faca de prata com as insígnias do comendador para rasgar o papel. Exibiu com orgulho um exemplar do livro “Manual de Xadrez”, de um tal Idel Becker.

— Salvador, tome. É para si e para o seu primo lerem e treinarem durante as férias.

— Claro, tio — respondeu o primo Salvador enquanto empinava o nariz, num ar de superioridade que gostava de encenar para me chatear.

— Muito bem — ouvi a tia Mena dizer, enquanto batia umas palmas forçadas.

A tia Berta olhou-me de soslaio como se adivinhasse os meus pensamentos, mas eu desviei a cara. Aquilo não fazia sentido nenhum, eu e o Salvador não íamos estar juntos durante as férias. Ele deveria ter dado um livro a cada um, ou então ter-me dado o livro a mim, seu filho, quando estivéssemos sozinhos. A pompa e circunstância do filho-do-comendador tinham essa mania de se intrometer na racionalidade do mundo.

Depois de rezarmos uma oração em memória dos mortos, levantámo-nos da mesa e o Salvador veio depositar o livro nas minhas mãos, dizendo:

— Pode ficar com ele. Não tenho tempo para essa porcaria.

Depois do tio Joca e família se enfiarem no seu Mercedes-Benz 280 a caminho de Cascais, deixei o filho-do-comendador na biblioteca entregue ao Chopin e fugi para o jardim do Campo Grande, mesmo em frente a casa. Aquele jardim era o meu território, as árvores eram os meus soldados, as minhas torres de vigia e os meus monstros. Os carros eram o meu autódromo da Fórmula Um, onde competia na minha bicicleta vermelha que eu imaginava ser da Ferrari. Sentei-me na raiz gigante de uma bela-sombra que crescia mesmo em frente a casa e abri o livro. Folheei as primeiras páginas e encontrei uma dedicatória: *À memória do meu amado e inesquecível filho Eduardo Becker, a quem tanto devo, que era meu orgulho, minha luz e meu amparo.* Tentei imaginar o tal Idel Becker amparado pelo seu filho Eduardo. Não consegui. Arranquei a folha e amarrotei-a até formar uma bola. Sem me levantar atirei a bola para um caixote do lixo. Falhei. Deixei-me ficar sentado. Se o amado e inesquecível filho não queria ir para o lixo, podia ficar por ali a rebolar pelo jardim.

Continuei a ler. A primeira parte chamava-se jogo-arte-ciência e



falava de que nem todos podemos ser um Einstein ou um Beethoven, mas que se nos esforçarmos podemos vir a ser jogadores de razoável capacidade, blah, blah, blah... Decidi ver apenas as imagens. Mostravam como é que se colocava o tabuleiro e como é que as peças se moviam. Só que eu não tinha nenhum tabuleiro para experimentar. Aquele livro era uma perda de tempo. Fechei-o e guardei-o num buraco entre as raízes da bela-sombra. Tirei o baralho do bolso e dediquei-me aos truques de magia que tinha começado a aprender no recreio do colégio. Quando regressei a casa já me tinha esquecido do Idel Becker.

Dois dias mais tarde, fui surpreendido pelo filho-do-comendador: — Agora depois de almoço, vai jogar uma partida comigo.

Entrei a medo no seu esconderijo — a biblioteca. Entre as duas estantes que revestiam a parede do fundo estava o avô — o Comendador Mário Montacute Almeida. À frente do retrato havia uma mesa maciça de mogno, que o filho-do-comendador utilizava para beber, beber, dormir, dormir, ler, ler e escrever. Nesta proporção, garantindo que nunca acabaria o romance que lhe traria a distinção que tanto desejava. Em cima da mesa havia vários papéis espalhados e uma única moldura. Era a única fotografia que tínhamos dela. Estava na praia, com o mar por trás. Usava um fato de banho completo preto. O cabelo longo castanho-claro esvoaçava preso por uma trança fina de cabedal que lhe atravessava a testa. Os olhos verdes pareciam pertencer a um anjo. A mãe-na-moldura. E ele guardava-a só para si. Sentei-me na mesa de jardim, feita em ferro, junto à janela. Felizmente as peças já estavam colocadas. O filho-do-comendador encheu um copo com whisky, sentou-se e moveu um dos peões. Sem saber como se moviam as peças, imitei-o. Ao fim da sexta jogada já tinha perdido a dama e não sabia o que havia de fazer. Já não o podia imitar mais. Tentei mover um peão ao calhas.

— Idiota. O menino é um idiota. O rei está em xeque, não pode mover o peão — disse, apontando para a linha entre a dama branca e o rei preto.

Experimentei mover um peão para a frente do rei.

— Chega. Isto é uma perda de tempo. O menino ou é burro ou é

preguiçoso — disse-o no seu tom esganiçado, com o olho esquerdo semicerrado como se usasse um monóculo no direito.

Levantei-me. Ao sair fechei a porta com o máximo de força que os meus oito anos me permitiam. Fui direto para o meu quarto no andar de cima. Deitei-me na cama e chorei. Esmurrei a almofada e dei pontapés no colchão. Quando me acalmei fui até à bela-sombra. O livro ainda estava no esconderijo, oculto da vista, entre as enormes raízes. Naquele dia jurei que o filho-do-comendador se iria arrepender das suas palavras.

A assistente-sensual ia passando por nós com o seu sorriso maternal que me dava tesão. A dada altura quebrou o silêncio e perguntou:

— Adeh, tens o cinto posto?

Ele levantou a túnica e mostrou o cinto.

— Vamos aterrar em breve. Senta-te direito, guarda o xadrez e levanta o tabuleiro — pediu ela.

— Só mais um bocadinho — pediu ele pondo os pés para baixo, como se isso fosse suficiente para ela ficar satisfeita.

— Adeh, tens mesmo de levantar o tabuleiro — repetiu ela, tentando manter o sorriso — O avião vai aterrar.

— Pede ao comandante para dar mais uma volta no ar. Eu ainda consigo vencer isto — disse, cada vez mais nervoso.

Sorri ao imaginar a mulher parada ao lado do comandante, com a sua “expressão tia Berta”, à espera que ele fizesse como o menino queria. Talvez o comandante cedesse, dando-lhe uma palmada no rabo como que a dizer ficas-me a dever uma.

— O senhor quer me ajudar? — pediu ela.

— Eu adorava ajudá-la querida, mas aqui não vejo como — respondi.

A assistente-sensual respirou fundo e falou como uma mãe que vai buscar autoridade ao ritmo vincado do nome completo da criança.

— A-deh!

— Fogo! — o pequeno-hippie irritou-se, gritando — Já ouvi.

Ao mesmo tempo que gritou, o avião sofreu um forte abalo. O tabuleiro de xadrez desapareceu no ar. Eu senti o cinto prender-me à

cadeira. A assistente-sensual não teve tanta sorte, elevou-se no ar sem se conseguir agarrar a nada. Vi-a a bater no teto do avião e a voltar a cair como se fosse uma boneca de trapos. Bateu violentamente com a cabeça no braço de uma das cadeiras. O pequeno-hippie abraçou-me e ferrou-me os dedos nas costas e barriga. Ouvi gritos e barulho de coisas a bater umas nas outras. O avião caiu durante segundos e depois parou. A mulher estava no chão inconsciente. Tentei agarrá-la e puxá-la para mim. Não consegui. Ela tinha caído demasiado longe e o cinto não me permitia mover. A turbulência continuava mas estava diferente, era mais uma espécie de tremor. Temi que viéssemos a sofrer um novo abanão. Era preciso tirá-la do chão e prendê-la a alguma coisa.

Aquela eternidade de três segundos tinha sido o suficiente para relembrar a toda a gente que estávamos numa lata voadora a muitos milhares de metros do chão. Alguém rezava pedindo a Deus para nos salvar. Como de costume, Deus não estava a ouvir.

— Adeh, tem de me largar.

Ele não me ouvia, continuava agarrado a mim, de olhos fechados a murmurar:

— A culpa é minha.

Agarrei-o pelos ombros.

— Adeh, olhe-me nos olhos. A culpa não é sua, mas vai ser se não me deixar ajudar a sua amiga.

Ele abriu os olhos, engoliu em seco e largou-me. Tirei o meu cinto. Agarrei a mulher. Sentei-a num lugar vazio. Coloquei-lhe o cinto. Voltei-me a sentar. Coloquei o meu cinto. A turbulência tinha desaparecido. O pequeno-hippie não parava de olhar para mim.

— Senhoras e senhores passageiros, fala-vos o comandante. Aca-bámos de atravessar uma zona de elevada turbulência — *obrigado capitão Óbvio* — Por favor, mantenham-se sentados com os cintos apertados, sigam as indicações da tripulação de cabine e informem-nos se necessitarem de assistência. Obrigado.

Aquele tipo era um cómico. Tirei o cinto e espreitei para a parte de trás do avião. Não me pareceu ver estragos.

— Há algum médico a bordo? — gritei.

Não havia, mas foi o suficiente para alarmar o resto da tripulação. Um homem veio ter comigo a gritar: — O senhor sente-se. Coloque o cinto.

Ignorei o idiota. Quando chegou ao pé de mim disse-lhe:

— A sua colega não está bem.

Então sentei-me e respirei fundo. O meu coração batia com tanta força que a gravata pulsava. Os meus pulmões testavam os limites de elasticidade da minha camisa. Aquela merda toda ia atrasar o desembarque. O pequeno-hippie agarrou-me a mão, mas não disse nada. Tinha os olhos fechados e respirava lentamente como se estivesse a meditar. A sua mão pequena tinha um aperto firme. Senti-me a acalmar — tal como quando a tia Berta aparecia lá em casa.

A tia Berta foi o açúcar que me ajudou a engolir a infância. Tenho saudades de falar com a minha “Mary Poppins”. No verão costumava vir buscar-me para almoçar, pelo menos, duas vezes a meio da semana. Às vezes via-a do jardim. Vinha a assobiar, ligeira, como se fosse mais leve do que realmente era. O vestido — usava sempre vestidos com flores — a bailar, mostrava os joelhos. Eu corria até ela e recebia sempre um beijo na testa e um chocolate. Ela entrava em casa e a primeira coisa que fazia era visitar a cozinha. Demorava-se por lá, rindo e conversando com a Dona Alzira. Depois visitava a biblioteca onde encontrava o irmão. Às vezes ouvia-o gritar com ela:

— Disparates Alberta, estou farto dos seus disparates.

Nunca a ouvi gritar com ele. Nessas vezes entrava tia Berta e saía Alberta Montacute Almeida.

— Lourenço, para sobreviver à tempestade é preciso rumar em direção às ondas, por maiores que sejam. Venha.

Íamos sempre almoçar ao Caleidoscópio. A tia Berta contava-me histórias de outros tempos, de quando ela era jovem e vivia na casa de Lisboa. Os copos de água morna onde mergulhava a mão dos irmãos quando estavam a dormir, para que urinassem na cama. Os copos de água fria com que os acordava, fugindo pelas escadas abaixo. Também falava da meiguice do avô Mário que tanta inveja provocava nos irmãos. Um dia, falou-me das férias em que tinham conhecido a Maria

Black, na Praia Grande. Eu bebia as suas palavras e comia pataniscas, sonhando com a mãe-na-moldura de cabelo ao vento, preso por uma tira de cabedal. Imaginava-a como uma estrela de cinema, a posar na praia. A tia Berta tinha convencido o irmão mais velho a fugir pela janela do quarto para ir ter com a Maria — a mulher da sua vida, como ele passava os dias a dizer. No dia seguinte quase tinha sido apanhado ao partir um vaso que estava no corredor junto à porta do quarto dela. Salvava-o assumindo a culpa perante os pais. Contou-me a sua boa ação com lágrimas nos olhos, como se estivesse arrependida de o ter feito. Não voltou a contar-me essa história, por muito que eu insistisse.

No final do almoço, a tia Berta rezava sempre uma oração pedindo a Deus alegria para mim, coragem para o filho-do-comendador e paciência para si. No regresso a casa, quando estava feliz gostava de cantar: *Podes não saber cantar. Nem sequer assobiar. Com certeza que não vais desafinar. Em play-back, em play-back, em play-back.* Eu ria e imitava o Carlos Paião, a rodar a cabeça como na Eurovisão.

Um dia deixou-me à porta de casa, deu-me um beijo na testa e lá foi assobiando. Eu entrei em direção ao quarto. O filho-do-comendador surgiu vindo da biblioteca, agarrou-me pelo pulso e disse que íamos jogar. Cheirava a álcool, mais do que o habitual. Levou-me arrastado até dentro de casa. Tentei soltar-me, mas ele estava imparável. Senti medo e gritei pela Dona Alzira. Ela tinha saído depois do almoço para ajudar uma prima nas mudanças de casa. Eu não sabia e por isso continuava a gritar na esperança de que ela aparecesse para me salvar. Bateu-me na cara com as costas da mão direita. Foi um golpe desajeitado que me acertou no sobrolho. Caí no chão a chorar.

— Levante-se seu maricas. Apanhei muito mais quando tinha a sua idade.

Voltou a agarrar-me no pulso e eu deixei de resistir. Entrámos na biblioteca, fechou a porta e mandou-me sentar em frente ao tabuleiro. Foi até à mesa e agarrou num pequeno caderno preto. Reconheci-o imediatamente, era o meu diário. Então abriu-o e começou a ler em voz alta, com uma voz fininha, como se me conseguisse imitar.

— Porque é que a mãe casou com o filho-do-comendador? Ele é um idiota — avançou mais umas páginas e continuou a ler — O idiota

do filho-do-comendador é batoteiro. Se me deixasse jogar de brancas dava-lhe uma tarefa — avançou mais uma página — Quero ir viver com a tia Berta.

Estava em pânico, mas gritei-lhe:

— Não pode ler o diário. É meu!

— Cale-se. É um ingrato. Não sabe nada de nada. Quer ir viver com a Alberta? Se me ganhar de brancas pode ir. Se perder, acabaram-se os almoços fora de casa.

Toquei no sobrolho inchado. *Peça tocada, peça jogada.* Sentei-me resoluta. *Para sobreviver à tempestade é preciso rumar em direção às ondas, por maiores que sejam.*

Em menos de vinte jogadas tinha-me afogado no mar alto.

Não voltámos a sentir turbulência nem safanões. O avião tocou o solo muito suavemente. Quando parou fomos envolvidos por luzes vermelhas intermitentes. As portas abriram-se e uma equipa de enfermeiros entrou com macas. O pequeno-hippie esticava-se para tentar ver o que se passava. Quando a maca com a assistente-sensual passou por nós, voltou a agarrar-me a mão com força. Evacuaram mais um assistente de bordo e uma passageira da classe económica. Pareceram-me estar em muito melhor estado do que a nossa assistente. Quando finalmente informaram que podíamos sair, tentei levantar-me, mas o pequeno-hippie não me largava a mão. Tinha os mesmos olhos suplicantes de quando achava que as tartarugas iam comer o plástico.

— Podes ficar comigo? — perguntou-me.

— Ouça. Está tudo bem. Não se preocupe. Já alguém vem ter consigo para o levar à sua mãe.

— A minha mãe morreu — respondeu.

Engoli em seco.

— Então ao seu pai, ou a quem quer que seja que está à sua espera. Libertei-me da sua mão. Levantei-me e escondi-me atrás do compartimento superior. Abri-o e retirei a mochila do portátil.

— Bem — disse, sem olhar para ele — Boa sorte.

Dirigi-me para a saída, como se fugisse de Sodoma — sem olhar para trás. A curiosidade matou o gato, petrificou a mulher de Ló e

forçou-me uma última espreitadela. No momento em que cruzava a porta do avião, vi o pequeno-hippie agarrado aos joelhos, enrolado na posição fetal. Chorava. Estaquei, provocando um engarrafamento em quem tentava fugir da lata que nos tinha chocalhado a todos no ar. Fiquei parado a tentar pensar. As pessoas passavam por mim, batendo-me com as suas malas, barrigas, cotovelos. Algumas desculpavam-se e continuavam. Poucas. Estávamos todos com o modo de sobrevivência ligado, sem energia para a boa educação. O assistente de bordo que estava a despedir-se à porta pediu-me para sair. Voltei para trás. Ignorei a sua tentativa de me parar. Furei a fila, empurrando pessoas, malas, barrigas e cotovelos. Algumas praguejaram. Muitas. Não quis saber. Deixei-me cair no meu lugar.

— A minha mãe também morreu — disse em jeito de explicação para o meu regresso.

O pequeno-hippie levantou a cabeça. Os seus olhos iluminaram-se num sorriso. Deu um salto e abraçou-me. As luzes de leitura no teto ligaram-se de repente. Deviam ter-se avariado no meio da turbulência. Afastei-o o mais gentilmente que consegui:

— Não me faça arrependar de ter voltado para trás. Quem é que está à sua espera? — perguntei.

Ele compôs-se e disse:

— A Lagan.

*Lagan?! Adeh?! Faria parte de uma seita, com nomes estranhos?*

— Muito bem. Eu fico consigo até o entregar a essa pessoa. Depois vou à minha vida.

Fomos os últimos a sair do avião, ambos com mochilas às costas. Do lado de fora, no cimo das escadas estava uma mulher rechonchuda de uniforme, completamente encharcada. O chão também estava molhado. Junto do avião estavam dois carros de bombeiros parados. O autocarro esperava por nós para nos levar ao terminal.

— Olá Adeh. Sou a Teresa. Já soube do acidente que tiveram. Tu estás bem?

Ele acenou que sim e agarrou a minha mão mais firmemente.

— Olá Teresa. Eu também estou bem — respondi-lhe com um sorriso.

— Quem é o senhor?

— Lourenço Black. Vim sentado ao lado do rapaz. Parece que ele me adotou.

— Obrigado senhor Black. Eu agora tomo conta dele.

— Com todo o gosto.

Ela estendeu a mão ao pequeno-hippie, mas ele não saiu do meu lado, nem me largou a mão. Passados cinco interessantes segundos de mão estendida, a mulher desistiu e pediu para a acompanharmos. Quando já estávamos instalados no autocarro que nos levaria ao terminal, perguntei-lhe:

— O que é que se passou consigo? Os bombeiros ligaram as mangueiras?

— Não sei o que se passou. Estava sol quando aterraram, e depois, de repente, começou uma chuvada intensa que durou um minuto. Foi o suficiente para eu ficar neste estado. O tempo anda maluco. Parece que estamos em África.

Depois de passearmos pelos subúrbios do aeroporto, o autocarro chegou ao seu destino. Atravessámos a espécie de centro comercial de luxo, por onde turistas-zombies vagueavam. A assistente guiava-nos por um suposto caminho mais eficiente que, por acaso, coincidia com as placas de indicação para a recolha de bagagem que nenhum de nós tinha. Ambos viajávamos só com mochilas, a minha cinzenta para transportar o portátil e uma muda de roupa, a dele colorida como se fosse para a escola. Seguimos diretos para a saída, sem termos nada a declarar à alfândega. Do outro lado, uma multidão ansiosa misturava-se com motoristas cansados que exibiam placas com nomes estrangeiros. O pequeno-hippie largou-me a mão e começou a correr, ao mesmo tempo que uma mulher saltava o corrimão da rampa. Abraçaram-se e começaram a conversar entre si. Ela tinha o cabelo curto, estilo feminista e o nariz grande estilo bruxa. Vestia uma túnica azul e umas calças brancas, tal e qual o pequeno-hippie. Calçava umas sandálias de couro rasas e no tornozelo direito tinha uma tatuagem que parecia uma constelação. A assistente que nos tinha acompanhado juntou-se a eles e eu afastei-me. Comecei a descer a rampa para a direita em direção às Partidas, onde ia apanhar um táxi. Estava quase a chegar



ao final da rampa quando senti puxarem-me a mochila. Virei-me. O pequeno-hippie abraçou-me e eu senti uma estranha ansiedade apoderar-se de mim. A bruxa-feminista aproximou-se, mas parou a uma distância de segurança. Senti que me avaliava desde a minha gravata italiana aos meus sapatos oxford pretos.

— Boa tarde. Obrigada pela ajuda — disse ela, sem me estender a mão ou se aproximar.

Voltou-se para o pequeno-hippie e acrescentou:

— Agora vamos.

— Achas que ela está bem? — perguntou o pequeno-hippie, ignorando a bruxa-feminista.

Senti um aperto na garganta e um abrandar da respiração. Pensei na mãe-na-moldura. *Achas que ela está bem?* A tia Berta apontava para lá do horizonte, afagava-me o cabelo e respondia no seu tom mais doce. *Claro. Está algures a velar por si.*

— Não sei. Ela magoou-se a sério — respondi-lhe.

— Ela vai ficar bem — disse a bruxa-feminista, como quem quer matar a conversa — Não te preocupes Adeh.

Ele parou com ar pensativo, de repente disse:

— Queres vir conhecer Arambhana? É um monte no Alentejo. Tu ias gostar. O Jaap também joga xadrez. Foi ele que me ensinou.

— Adeh, não incomodes mais o senhor ... — deixou a frase suspensa, colocou a mão na anca e inclinou-se com o peso sobre a perna direita, como uma modelo que chega ao final da passarela e para à espera do flash das máquinas fotográficas.

— Lourenço Black — completei.

— Certamente, o senhor Black — continuou ela — não tem tempo para ir a Arambhana, nem vai querer sujar o seu fato caríssimo no meio do campo.

Claro que não tinha tempo para andar a visitar comunidades hippies no Alentejo. Não era por medo de me sujar, era por não ter paciência para as suas teorias esotéricas preguiçosas e irresponsáveis.

— Claro que tenho tempo — contrapus — Eu adoro montes alentejanos.

Os olhos do pequeno-hippie abriram muito, nasceu-lhe um sorriso enorme, juntou as mãos ao mesmo tempo que me disse:

— Não demores a vir, que eu sou muito rápido a crescer.

Uma sensação de bem-estar inundou-me. A bruxa-feminista olhava para mim irritada como se tivesse acabado de perder uma torre. Aproximou-se como se fosse despedir-se com um beijinho e sussurrou-me ao ouvido:

— Não prometa o que não vai fazer. As crianças acreditam nos bandidos.

Mulher preconceituosa! Como se me conhecesse. Claro que não ia a Aram-qualquer-coisa. Mas não era por ser bandido, era porque não ia lá fazer nada. O pequeno-hippie também se iria esquecer rapidamente. Por isso era indiferente. Fiquei parado a vê-los afastarem-se. O hippie em miniatura, com os caracóis a balouçarem-se, de mão dada com a bruxa de cabelo rapado. Lembrei-me da assistente-sensual aos trambolhões no avião e do pequeno-hippie a dizer que a culpa era sua. Senti-me cansado, confuso e só me apeteceu chegar a casa e deitar-me. Agarrei no telemóvel e apercebi-me que ainda não o tinha tirado do modo avião. As mensagens começaram a aparecer. Havia uma dos cuidados paliativos a pedir para eu ligar assim que possível. *Teria morrido, enquanto eu estava no avião?* Ao longe, mesmo antes de eles desaparecerem por uma porta de vidro automática, o pequeno-hippie acenou-me. Eu acenei de volta. Senti-me pateta. Agarrei no telemóvel e telefonei para a casa de saúde.

Tinha voltado cedo demais.

Cheguei a Arambhana quase ao meio-dia. Andei perdido na planície alentejana, até que um vaqueiro que fazia uma manada de gado atravessar a estrada me apontou o caminho dizendo:

— É já ali. Os morangos são bons, mas a gente é estranha. Tenha cuidado.

O já ali foram quilómetros e quilómetros de uma estrada própria para cabras. Quando comecei a ver as casas caiadas no meio do monte, vi também o pequeno-hippie e uma miúda no caminho, a pé. Buzinei. Olharam para mim e ficaram parados ao lado da estrada. Aproximei-me devagar e eles começaram a correr, talvez por ele me ter reconhecido. Tinham o cabelo molhado e traziam toalhas ao ombro. Baixei o vidro.

— Cheguei — disse-lhe.

— Vês Bebaak — disse o pequeno-hippie para a miúda — Perdeste. Durante uma semana fazes tu a minha cama.

Ela olhava furiosa para mim e gesticulava com as mãos. Era mais baixa que ele, o cabelo liso castanho-claro dava-lhe pelo meio das costas. Os dois usavam apenas umas calças brancas.

— O que foi miúda, o gato comeu-te a língua? — perguntei-lhe.

— Este é o Bebaak. Ele é mudo. Bebaak, este é o Lourenço — disse o pequeno-hippie sorrindo.

Afinal era um rapaz e furioso. *Qual é o problema desta gente com o tamanho dos cabelos?*

— Entrem. Levo-vos de carro — sugeri, como se não tivesse cometido nenhuma gafe.

A cara do mudo iluminou-se e o olhar furioso transformou-se num sorriso. Nenhuma criança resiste a um descapotável. Sentaram-se os dois apertados no banco do passageiro. Quando arranquei, pusei-me de pé e levantaram os braços como se estivessem a descer uma montanha-russa. O pequeno-hippie gritou de alegria quando acelerei. O limpa-para-brisas começou a funcionar do nada e a esguichar água que nos acertou. Tentei parar a água, mas não estava a conseguir e eles estavam a adorar, por isso deixei aquilo continuar. A avaria tinha transformado o Z4 num parque de diversões aquático.

O barulho do motor, as buzínadelas e os gritos do pequeno-hippie foram o suficiente para atrair a atenção de todas as pessoas que circulavam pelo monte. A bruxa-feminista apareceu a correr na nossa direção. Abrandei e parei o carro quando ela nos alcançou.

— Adeh. Bebaak. Saiam imediatamente desse carro — disse ela, tentando não gritar.

O pequeno-hippie abriu a porta e saíram os dois.

— Lagan, o meu amigo veio — disse o pequeno-hippie.

— Olá — acrescentei — Aqui estou eu.

Ignorou-me.

— Vocês os dois estão atrasados — afagou os cabelos molhados — E foram-se enfiar no rio? O que é que vos deu?

O mudo gesticulou algo que eu não percebi.

— Não quero saber das saudades — disse ela em resposta — Hoje é um dia importante e o Adeh tem de se concentrar. Não quero mais conversa. Os dois já para a cozinha ajudar os yuva.

Empurrou-os na direção das casas e só depois me deu atenção.

— Não o esperávamos, senhor Black. Não é a melhor altura para o receber — as suas palavras tinham uma serenidade imposta.

Respirou fundo antes de continuar.

— Almoça?

— Com muito gosto — respondi — Também estava a pensar dormir. Pagarei a estadia e as refeições, como é óbvio.

— Muito bem. Pagará, mas não como pensa. Pode começar por se comportar e estacionar o seu carro fora do monte. Nós não temos nenhum gosto especial por máquinas barulhentas. Depois procure

pelo Jaap, ele vai ajudá-lo a acomodar-se.

*Máquina barulhenta?! Estamos a falar de um Roadster, mulher!* Olhei em volta e vi uns carros e uma carrinha estacionada à esquerda do monte, a uns trezentos metros de onde estávamos. Quando me virei para perguntar como é que eu chegava até lá, ela já se estava a afastar. O pequeno-hippie e o mudo faziam um fixe com a mão ao longe. Depois a bruxa-feminista gritou qualquer coisa e eles fugiram, desaparecendo da minha visão. Aquela mulher precisava de fumar qualquer coisa para relaxar. Fiz marcha atrás até descobrir o caminho que me levaria ao estacionamento. Ao longe não conseguia perceber bem qual era o modelo da carrinha, mas imaginei uma pão-de-forma de primeira geração com o símbolo da Volkswagen grande na frente pintado com as cores do arco-íris. Mas não. Era uma Califórnia, branca sem graça nenhuma. Já não se fazem hippies como antigamente.

Tirei a minha mala da bagageira e fechei o carro. Caminhei na direção das casas. Contei doze, espalhadas pela zona mais alta do monte. Tinham só um andar e eram brancas, com frisos pintados de cores diferentes. A planície alentejana estendia-se até perder de vista, apenas polvilhada por sobreiros e oliveiras. De um dos lados estendia-se uma estufa enorme. Caminhei até aquela que me pareceu a casa principal. Um edifício enorme em forma de U, com os frisos pintados de um azul parecido com a cor das túnicas. As pessoas passavam por mim e paravam a olhar, curiosas. O meu polo verde e calções bege contrastavam com as suas túnicas azuis celeste e as suas calças brancas. Perante a minha pergunta pelo tal Jaap, todos me respondiam que ele estava por aí. Estava a preparar-me para perguntar a um homem porquê o colar branco enorme ao pescoço, quando fui abordado por um velho com o cabelo branco no ar e um bastão na mão, estilo feiticeiro-louco.

— Sou o Jaap e o senhor ainda não é bem-vindo a Arambhana, senhor Black — disse juntando as mãos em oração e curvando o corpo numa saudação hindu.

— Ainda? — perguntei, sem me curvar.

Olhou-me intensamente e depois piscou um olho ao mesmo tempo que sorria.

— De que é que está a fugir, senhor Black?

*Das condolências e dos sentimentos. Do perdão. De ter pena. Do pai que nunca foi, para que não o seja agora. Da possibilidade de não o odiar no fim.*

— De nada Jaap — respondi — Vim porque o Adeh me convidou e porque estava a precisar de férias.

Fixou o olhar em mim e ali ficou sem dizer nada. Eu aguentei-me. Olhei-o nos olhos. Acho que sem perceber parei de respirar, porque quando quebrei o silêncio a voz falhou-me.

— Onde é que eu posso deixar a mala? — perguntei.

— Hmmm — disse e começou a avançar em passo tartaruga na direção de uma das casas mais pequenas.

Fez sinal com o bastão para que o seguisse. Enquanto o seguia, lembrei-me que o pequeno-hippie já me tinha falado deste Jaap.

— Joga xadrez? — perguntei.

— Empurro peças — respondeu.

— Talvez mais tarde queira empurrar peças comigo?

— Talvez não.

Tentei outra pergunta.

— O que é que aconteceu à mãe do Adeh?

— Morreu.

— Sim, isso eu sei, mas o que é que aconteceu?

— A sua alma regressou à fonte.

— Não me respondeu à pergunta — insisti.

O feiticeiro-louco parou e estendeu o bastão à frente do meu peito num movimento surpreendentemente rápido. Voltou a brindar-me com aquele sorriso de olho piscado.

— A resposta que procura não tem essa pergunta.

*Raio do velho.* Ele não disse mais nada e eu resignei-me. Entrámos numa casa pequena com os frisos pintados de vermelho escuro. Senti imediatamente a frescura do interior. Fiquei parado, espantado com a decoração. Nas paredes viam-se escorpiões desenhados a vermelho escuro. Cheirava a incenso e ouvia-se um tilintar de sinos como se tivesse acabado de entrar num templo.

— Gosta da decoração? — perguntou e sem esperar por uma resposta continuou — Este é o seu quarto. A casa de banho é partilhada.

Tem em cima da cama uma kurta e umas calças que deverá usar enquanto estiver em Arambhana. A sua roupa imprópria pode ficar naquele armário.

— Todos diferentes, todos iguais. Não é Jaap?

— Não é a roupa que torna um homem num ser humano, mas pelo menos dá-lhe o aspeto — respondeu-me.

Depois de me vestir procurei um espelho, mas não encontrei. Então tirei uma fotografia. Se deixasse crescer a barba e o cabelo grisalhos podia passar por profeta. Aproximei-me do feiticeiro-louco e toquei no seu colar branco enorme.

— Agora só me falta o colar e posso ser a Dona Black.

— Já alguma vez meditou Dona Black?

Uma vez o meu coach convenceu-me a frequentar um curso de mindfulness para executivos. Foi um suplício.

— Nunca meditei, mas já me-deitei.

Afastou-me a mão com o bastão e ripostou:

— Experimente meditar enquanto se deita. Pode ser que descubra o que é um orgasmo.

— Calma avozinho, não precisa de se zangar — disse-lhe.

— O que é que o Adeh viu em si? — perguntou, olhando-me de alto a baixo.

*O que é que viu em mim?!* O feiticeiro-louco fez-me sinal para o seguir e levou-me no seu passo tartaruga até ao edifício central. Entrámos diretamente para um salão enorme. A primeira coisa que vi foi o teto. Senti o impulso de agarrar no telemóvel para tirar uma fotografia, mas contive-me. Teria sido estranho. O teto era azul celeste e tinha estrelas, milhares de estrelas. Uma constelação que desconheço sobressaía, como se brilhasse mais forte. Era incrível. Por baixo duas mesas corridas dominavam o centro da sala. As pessoas estavam a sentar-se na mesa da direita. Reparei que estavam todos descalços. Olhei para os meus sapatos e para as minhas meias e tomei uma decisão. Iam permanecer onde estavam. O feiticeiro-louco apontou com o seu bastão para um lugar vazio mesmo na ponta oposta à entrada, em frente a uma mulher jovem e disse:

— Não se deixe enganar pelo olhar doce da Arpana, senhor Black.

Ela também é escorpião — riu-se enquanto se afastava, deixando-me ali sozinho.

Fui até ao lugar indicado e pousei as mãos na cadeira.

— Posso sentar-me?

— Claro — respondeu a mulher sentada à minha frente com um sorriso irresistível. Senti-me imediatamente atraído.

— Lourenço Black — disse, em jeito de apresentação.

— O convidado do Adeh. Que sorte teres ficado à minha frente. Sou a Arpana — falava com um sotaque cantado e arrastado, apontou para as duas pessoas ao nosso lado e acrescentou — Estes são a Madhu e o Dinkar.

A mulher e o homem juntaram as mãos numa oração e inclinaram a cabeça numa pequena vénia. Ela era feia e demasiado gorda para o meu gosto. Ele usava rabo-de-cavalo, *óbvio*.

— Mas aqui ninguém tem um nome normal?

A mulher sentada à minha frente lançou a cabeça para trás rindo e eu percebi o que era irresistível nela. Não eram as sardas, nem o cabelo castanho-claro que lhe caía até meio das costas. Eram as rugas ligeiras nos olhos de quem passa o tempo a rir, acreditando que o mundo é um lugar maravilhoso.

— Podes chamar-me Marta. É como a minha família original me chama.

— E porquê Arpana?

— Para me lembrar da minha missão de vida: oferecer-me aos outros.

Engoli em seco e deve ter sido tão óbvio que se desmancharam os três a rir.

— Tens uma missão de vida, Lourenço? — perguntou o rabo-de-cavalo.

*Sim. Odiar o filbo-do-comendador.*

— Sim. Sou responsável por um dos maiores fundos de investimento do mercado português. A minha missão é tornar os outros mais ricos — respondi com um sorriso forçado.

A marta-sorridente agarrou-me a mão por cima da mesa e perguntou:



— E és feliz?

Fiquei imóvel, suspenso, à espera que largassem outra gargalhada. Ninguém riu. Queria mesmo saber. Não sabia como responder. O toque da mão dela desarmou-me. Senti-me despido. Fui salvo pela entrada da bruxa-feminista que anunciou em voz alta:

— Hoje iniciamos a celebração da passagem do Adeh a yuva — fez uma pausa e um grupo de jovens e crianças, entre eles o pequeno-hippie, entrou na sala.

Só os mais velhos é que utilizavam o grande colar branco. Imaginei que esses fossem os yuva. Os adultos irromperam num aplauso. Quando eles pararam ela continuou:

— O nosso pequeno Adeh fez a sua primeira viagem ao serviço dos outros. Como não podia deixar de ser teve de ir mais longe do que algum de nós alguma vez foi. E, como se isso não bastasse, trouxe consigo um convidado. Lourenço Black — disse apontando para mim.

Fez uma pausa, enquanto todas as pessoas me dedicavam um longo olhar. Vi o feiticeiro-louco piscar-me o olho. Vi a marta-sorri-dente acenar ligeiramente com a cabeça. Vi o mudo fazer um fixe. E vi o pequeno-hippie sorrir. Respirei. Estava tudo bem. Passado esse momento constrangedor, a bruxa-feminista continuou:

— Hoje festejamos o seu regresso a casa.

Quase parecia que se referia a mim, mas não. O pequeno-hippie juntou as mãos em frente do peito e curvou o corpo saudando toda a sala. Os outros levantaram-se e imitaram-no, saudando-o. Eu também me levantei e como não ia fazer nada daquela treta, encolhi os ombros quando ele olhou para mim. Sentámo-nos e o almoço começou. As pessoas foram-se levantando para se servirem. Arrisquei e fui até à mesa das saladas. Havia uma salada de couve-roxa, cherovia, laranja e tâmaras; uma salada de cuscuz com frutos secos; e uma salada de raiz de aipo com maçã, passas e salsa. E sim, eu só sei o que era, porque perguntei. Na outra mesa havia legumes salteados com queijo de cabra; lentilhas de três cores diferentes e uma massa com funcho, rúcula e limão. Ou seja, não havia carne, nem peixe. Indeciso enchi o prato com um pouco de tudo. Para beber só havia chá. Nada de álcool. Felizmente tinha trazido umas miniaturas de whisky na mala, para mais

tarde. Servi-me de um chá de gengibre e limão e voltei a sentar-me. O pequeno-hippie estava na mesa dos mais novos entretido a falar e a gesticular para o mudo. A marta-sorridente e os amigos iniciaram uma rajada de perguntas que parecia não ter fim. Como é que conhecestes o Adeh? É verdade que tens um descapotável? És rico? Comes carne? Meditas? Qual é o teu ascendente? Acreditas em Deus? As perguntas surgiam como balas. Eu mantinha-me enfiado na trincheira, sem arriscar, cauteloso nas respostas que dava. A sensação de que não pertencia ali crescia para proporções desconfortáveis. Tens família? Tens filhos? E mulher? Como é a relação com os teus pais? Já sem aguentar o zum-bido das balas que me acoassavam, decidi sair da trincheira e disparar uma pergunta:

— O que é que aconteceu à mãe do Adeh?

O silêncio instalou-se na nossa ponta da mesa. O sorriso da marta-sorridente desapareceu.

— Porque é que queres saber? — perguntou o rabo-de-cavalo, num tom de quem não queria responder.

— A Homa morreu quando o Adeh nasceu — respondeu a marta-sorridente num sussurro.

O rabo-de-cavalo olhou-a como Júlio César terá olhado Brutus ao morrer. Não queria saber, senti uma dor no peito, como se uma bala me tivesse finalmente atingido.

— Ele sabe?

— Não. E tu não lhe vais dizer — disse o rabo-de-cavalo — Ele saberá quando chegar a altura certa.

Sentia a barriga contraída, um aperto na garganta.

— Então qual foi a mentira que lhe contaram?

As lágrimas assomavam-me aos olhos. Estava a ficar descontrolado. A marta-sorridente procurou a minha mão. Eu retirei a mão antes que ela me tocasse e levantei-me, desculpando-me:

— Preciso de ir à casa de banho.

Ao tentar sair dali atrapéi-me e fiz cair o banco de madeira onde estava sentado. De repente tinha toda a gente a olhar para mim. Não conseguia respirar. Deixei o banco no chão e dirigi-me para a saída. Não fazia a mínima ideia de onde ficava a casa de banho. Nem

importava. Parei lá fora e encostei-me à parede branca. O sol estava no seu zénite e queimava. As lágrimas rolavam-me pelas bochechas. Salgadas. O que é que se passava comigo? Eu não choro. Nunca. Não conseguia ouvir o que estariam a dizer sobre mim. Pensei seriamente em ir-me embora. Tirar as roupas de profeta, meter-me no Z4 e partir em direção a nada. Dormiria numa pensão algures no meio do Alentejo.

Então apareceu a marta-sorridente ao meu lado e disse:

— É bom saber que és humano.

Achei que estava a gozar comigo, mas as rugas dos olhos eram genuínas.

— Dás um passeio comigo? — acrescentou, estendendo-me um chapéu de palha alentejano.

— Com este sol? — perguntei.

— Vá, mete o chapéu e anda.

Colocou um chapéu na cabeça e começou a andar. Coloquei o meu e segui-a. Enveredámos por um caminho estreito que passava por entre várias casas e se afastava pela encosta sul do monte.

— Desculpe-me o comportamento de há pouco — disse-lhe passados uns minutos — Não sei o que se passou.

— Não te preocupes — respondeu a marta-sorridente — Nós estamos habituados a emoções fortes.

— Ficaram todos a olhar.

— Estamos curiosos. Tu és convidado do Adeh!

— Ele não me conhece. Tal como a Marta.

— Trata-me por tu — pediu ela.

— Isso seria estranho — rematei.

Continuámos em silêncio. O sol alentejano estava capaz de fritar ovos na calçada, mas ali não havia calçada e a túnica e o chapéu protegiam-me decentemente. A dada altura saímos do carreiro e dirigimo-nos para uma azinheira com uma copa gigante. Ali debaixo poderia reunir-se uma assembleia municipal. Sentámo-nos junto ao tronco. Eu suspirei. Suava ligeiramente. Tirei o chapéu, passei a manga da túnica pela testa e perguntei-lhe:

— O que faz aqui no fim do mundo, Marta?

Aquele sorriso dava cabo de mim.

— Já ouviste falar da Era de Aquário?

Claro. A Era de Aquário era o santo graal da *new age*. As revistas de bordo tinham sempre um iluminado a referir-se ao despertar da nova consciência que aí vinha.

— Não — menti, queria ouvi-la falar e tanto me dava se o tema era esotérico.

Ela sentou-se de pernas cruzadas à minha frente. Eu recostei-me no tronco da azinheira. Então começou a explicar:

— O eixo da Terra tem uma oscilação circular que dura vinte e quatro mil anos a dar uma volta completa. Isto faz com que a Terra vá sendo afetada por diferentes constelações a cada dois mil anos. Alguma vez viste o símbolo dos cristãos que parece um peixe?

— Mmm hmm.

— É porque Cristo foi o Avatar da Era de Peixes. Foi ele que trouxe amor e altruísmo para uma era dominada por hierarquia e poder. A Era de Aquário é uma Era de informação. A Internet é só o princípio. Estamos a caminhar no sentido da total transparência. No futuro todos teremos acesso a toda a informação de todas as pessoas. E quando a informação é total ela torna-se irrelevante. Exceto a que vem de dentro de ti — tocou-me no peito e eu estremeci — a essa só tu é que tens acesso. Só que no meio deste ruído todo, estamos a deixar de saber escutar as nossas emoções. Por isso o próximo Avatar trará a Consciência Emocional. Eu vim para Arambhana porque quero contribuir para preparar o mundo para a chegada do novo Avatar. Sou uma espécie de João Batista — riu-se e eu dei comigo a rir com ela.

— Mas porquê aqui, no profundo Alentejo?

— Lourenço, eu já vi meio mundo. Meditei entre a vegetação luxuriante no ashram de Osho em Puna. Conheço o fumo cheiroso do zimbardo que os lamas queimam no mosteiro de Sera em Lhasa. E já mergulhei nua nas fontes termais de Esalen na Califórnia. Em todos esses locais sagrados onde vivi nunca conheci ninguém como o Adeh.

— O pequeno-hippie? — o meu tom de voz demonstrava a minha desconfiança.

— É assim que lhe chamas! — exclamou divertida e depois acrescentou — Porque é que tu estás aqui Lourenço?

*Eu não estou aqui pelo pequeno-hippie. Estou só a garantir que o filho-do-comendador morre sozinho.*

— Porque não resisto ao convite de uma mulher bonita — respondi.

— Engraçadinho. O que é que aconteceu ao almoço? — perguntou, não me deixando fugir às perguntas difíceis.

Uma vez estive num almoço em que me ameaçaram de morte se eu não aceitasse um negócio. Mantive a postura e controladamente virei a situação a meu favor. Controlo foi a minha estratégia de sobrevivência na casa do filho-do-comendador. Porque é que eu me descontrolei num almoço tão banal como aquele? Ela esperava pela minha resposta, mantendo sempre o olhar em mim, como um foco de luz no meio da escuridão. As respostas que surgiam eram uma confusão de emoções das diferentes versões de mim próprio. O filho do filho-do-comendador. O filho da tia Berta. O filho da mãe-na-moldura. Quarenta e dois anos e continuava a pensar em mim como o filho de alguém. Lembrei-me da frase do feiticeiro-louco: *A resposta que procura não tem essa pergunta. Então qual é a pergunta?*

— Não sei o que lhe diga Marta. Emocionei-me — respondi, por fim.

Manteve o olhar no meu, acenando ligeiramente com a cabeça, como se aceitasse a minha não-resposta.

— Ok — disse ela — Estás pronto para pagar a tua estadia?

— O que é que tem em mente? — o meu sorriso de adolescente traía os meus pensamentos.

— Suor e morangos.

— Gosto!

Passei o resto da tarde dentro da estufa a apanhar os malditos morangos plantados em calhas suspensas. Matei a fome que tinha ficado do almoço com os que estavam demasiado maduros para serem vendidos. Éramos seis pessoas a trabalhar e eu era claramente o mais lento. A primeira meia hora foi divertida. O resto do tempo foi uma

seca e dei por mim a tentar imaginar como se poderia otimizar o esforço despendido na apanha e ao mesmo tempo calcular a rentabilidade do negócio de venda dos morangos. Saí dali bem suado, tal como prometido.

Encontrei o feiticeiro-louco junto à entrada da casa escorpião, apoiado no seu bastão.

— Olá senhor Black, pronto para a meditação do pôr-do-sol? — perguntou-me.

— Preciso de um banho, Jaap. Os morangos deram cabo de mim.

— Não se demore. O sol não espera por si. Nem que lhe pague.

Virou-me costas e começou a caminhar na direção da estrada por onde eu tinha chegado de manhã. Outras duas pessoas deslocavam-se nessa direção. Entrei em casa, cheguei ao quarto, despi o macacão que me tinham emprestado e peguei numa toalha branca dobrada numa cadeira. Apressei-me a ir para a casa de banho. A porta não estava trancada e empurrei-a para entrar. No centro da divisão, estava uma mulher nua. Tinha a perna esquerda levantada com o pé pousado em cima de uma cadeira. As mãos faziam deslizar uma toalha branca ao longo da perna, secando-a. Aquele momento banal pareceu-me altamente erótico. Virou a cabeça para mim. Era a marta-sorridente.

— Olá Lourenço. Podes entrar, já acabei.

Fiquei parado a olhá-la. O à-vontade dela espantava-me quase tanto como as curvas do seu corpo. Ela riu-se. Enrolou a toalha acima das mamas, estilo tomara-que-caia.

— Que pena teres chegado tão tarde. Precisava de alguém para me esfregar as costas — disse deliciada, enquanto passava a roçar levemente por mim.

Não sabia como responder. Tinha levado um xeque-mate sem saber ler. Entrei calado na casa de banho vazia. Despachei-me o mais rápido que pude, mas nunca consigo tomar banhos curtos. Há algo na água a correr-me pelo corpo que me desperta um prazer profundo. Ter visto a marta-sorridente nua também não ajudou. Quando saí da casa, vestido no meu traje indiano, dirigi-me sozinho para onde já se tinha juntado um grande grupo. Eram cerca de cinquenta pessoas. Estavam todas de pé, imóveis, a face e as palmas da mão viradas para o sol que

em breve desapareceria por causa da rotação terrestre. Formavam um semicírculo e no centro estava o pequeno-hippie. Juntei-me na fila de trás, onde não chamasse a atenção. Tinham todos os olhos fechados. Vi a boca do feiticeiro-louco estender-se num sorriso e aposto que foi por minha causa. Fiquei ali a apreciar o pôr-do-sol. Não sabia o que fazer. Recordei as sessões de *mindfulness* e do sofrimento que eram. Não me ia pôr para ali a inspirar e a expirar de olhos fechados. Fiquei parado a observar as pessoas. Rapidamente os pensamentos começaram a interferir na minha atenção. Lembrei-me da chamada para os cuidados paliativos.

A voz do médico soava a um padre durante a confissão:

— O seu pai não deve durar muito mais tempo, dias no máximo. É importante que se despeça, Lourenço.

— Claro — respondi, desligando em seguida.

Liguei o portátil e escrevi um e-mail:

*Tio Joca, o pai vai falecer em breve. Preciso que trate de tudo. Infelizmente vou estar ausente sem forma de ser contactado. Não espere por mim para realizar o funeral. Não me tente contactar.*

*Lourenço*

O sol estava cada vez mais baixo e o cor-de-laranja espalhava-se pelas nuvens no céu. Os outros pareciam muito mais concentrados do que eu. Então a bruxa-feminista falou:

— O caminho da consciência emocional exige que permitamos a expressão total das nossas emoções — a voz da bruxa afugentou o silêncio da planície — Aqueles que se tornam yuva correm o maior risco, o risco do descontrolo emocional. Por isso criámos a maratona. Uma prenda para todos os novos yuva.

O feiticeiro-louco saiu do semicírculo e colocou-se em frente ao pequeno-hippie, virado para toda a comunidade. Pela primeira vez estava sério. Os olhos bem abertos.

— Adeh — a voz elevou-se no ar como um trovão — os teus guias contactaram-te? Estás pronto para escolher o teu companheiro de viagem?

Vi os caracóis do pequeno-hippie subirem e descerem, enquanto acenava que sim.

— Ótimo. Mas primeiro o caldeirão.

Foi como se ele tivesse dito uma senha secreta. As pessoas começaram a dar as mãos e a formar um círculo em volta do pequeno-hippie, que se manteve imóvel de olhos fechados. A marta-sorridente apareceu ao meu lado e agarrou-me a mão esquerda. Havia um padrão qualquer na forma como as mãos dadas se alternavam. A mulher à minha direita, uma velhota seca e rija, mudou a forma como eu lhe estava a agarrar a mão. Senti os ossos da sua mão a apertarem-me como pinças. Enquanto o círculo se formava a marta-sorridente sussurrou-me ao ouvido:

— A maior parte das pessoas está a apostar que ele vai escolher a Lagan. A própria Lagan está convencida disso. Mas eu aposto que ele vai escolher o Jaap.

— E porque não a escolhe a si? — perguntei.

— Se tu soubesses o que é a maratona não perguntavas isso. É preciso confiar no outro para a vida. Quando foi a minha maratona eu levei o Dinkar, que é meu irmão e já era yuva.

Assim que o círculo estava unido fecharam todos os olhos — menos eu. Então começaram, um de cada vez, a dizer palavras esotérica-o-hippies: Gratidão, Paz, Alegria, Dádiva, Sagrado, Amor ... as palavras eram ditas com um tom solene, como se estivessem a ser depositadas no centro, onde estava o pequeno-hippie. Tomei especial atenção às palavras da marta-sorridente, do feiticeiro-louco e da bruxa-feminista: Prazer, Águas Profundas, Entrega. O mudo saiu do círculo, foi até ao centro e pegou na mão do amigo. Gesticulou a sua palavra e regressou ao círculo. Não faço a mínima ideia do que terá dito. Quando todos tinham dito algo, o silêncio instalou-se. O tempo passava e ninguém dizia nada. Quanto mais tempo é que íamos ter de ficar ali? O sol estava quase a desaparecer. Tinha as mãos quentes. Sentia um formigueiro a crescer nos dedos. Provavelmente provocado pelo aperto da velha-rija.

— Faltas tu — sussurrou-me a marta-sorridente.



*Eu?! Estavam à espera que eu dissesse alguma coisa. Eu sabia lá o que dizer. Fechei os olhos. Inspirei. Expirei. Surgiu-me uma palavra no pensamento. Tentei afastá-la. Inspirei. Expirei. Eu não ia dizer aquilo. A bruxa matava-me. Inspirei. Expirei. O raio da palavra não desaparecia. Eu percebi que era inevitável e deixei-a sair:*

— Morte.

Senti o estremecer do grupo e a sensação quente nas mãos deu lugar a uma sensação fria. Um arrepio percorreu-me a espinha, mas eu mantive os olhos fechados. De certeza que a bruxa-feminista me estava a olhar fixamente.

— Esta tarde meditei e pedi a ajuda dos guias — o pequeno-hippie começou a falar, eu relaxei e abri os olhos, o foco já não estava em mim — já sei quem quero que me acompanhe.

Fez uma pausa, como um orador que sabe que tem a atenção do público na palma da mão. Ninguém respirava. Era um momento importante para a comunidade. Percebia-se que o pequeno-hippie era especial ali. Tinha a sorte de ter crescido rodeado por um grupo de pessoas que lhe queria bem. Abriu os olhos e apontou para mim:

— Quero-te a ti.

Entrei na sala e dirigi-me para o outro lado da mesa redonda, garantindo alguma distância da bruxa-feminista. O teto da sala era um céu estrelado, com realce para o desenho de uma constelação — duas pessoas de mãos dadas. Segundo o padrão astrológico das casas, aquela devia ser a casa gémeos. O feiticeiro-louco tinha-nos reunido ali para conversarmos sobre a escolha do pequeno-hippie. A bruxa-feminista aparentava calma, mas o fogo nos olhos traía a sua vontade de me destruir. A marta-sorridente tinha as mãos juntas à frente do corpo e a cabeça ligeiramente inclinada, numa postura solene. Ainda assim eu conseguia descortinar um leve sorriso gozão de quem estava a desfrutar ter sido convocada. O feiticeiro-louco encostou o bastão à mesa e fez sinal para nos sentarmos.

— A vida está cheia de surpresas — disse num suspiro, com o seu sorriso de olho piscado.

— Deixa-te de merdas Jaap. Não estou com paciência para a tua sabedoria de algibeira — ripostou a bruxa-feminista explosiva.

O sorriso da marta-sorridente transformou-se num olhar de incredulidade.

— Lagan, estamos aqui para conversar — disse o feiticeiro-louco numa voz que não deixava dúvidas de quem é que mandava ali — Concordaste que ias estar serena. Se isso não for possível, vou ter de continuar sem ti.

Ela engoliu o que quer que tinha para dizer e acenou impercivelmente que sim.

— Senhor Black — ao ouvir o feiticeiro-louco dizer o meu nome

endireitei-me na cadeira — sabe porque é que foi escolhido pelo Adeh?

— Não faço a mínima ideia. Nem sequer sei para o que é que fui escolhido.

A bruxa-feminista chegou-se à frente, inclinando-se sobre a mesa e disparou a sua pergunta:

— Porque é que o Adeh o convidou a vir até Arambhana?

— Porque é que não lhe perguntam a ele? — retorqui.

— É o pai dele, não é? — cuspiu ela.

— O quê? — aquela acusação era tão espantosa que até a voz me falhou.

— Não vejo outra razão para este inesperado pedido do Adeh para o acompanhar na maratona — disse ela e acrescentou em jeito de explicação — O Adeh vê para lá do óbvio. Ele deve ter percebido, mesmo que inconscientemente.

A marta-sorridente estava tão pasmada como eu, mas olhava-me como se a hipótese absurda não fosse tão absurda assim. O feiticeiro-louco pousou uma fotografia na mesa à minha frente. De repente senti-me numa esquadra a ser interrogado. Era óbvio quem fazia de polícia mau.

— Reconhece esta mulher, senhor Black? — perguntou.

Apontava para uma mulher grávida sentada num pedregulho. Ao seu lado estava a bruxa-feminista de pé. A grávida abraçava a cintura da outra e encostava a cabeça como quem busca colo. A cara não me era estranha. O cabelo encaracolado e as feições lembravam o pequeno-hippie. Os olhos eram diferentes. Havia um desgosto latente na forma como os cantos pendiam.

— Imagino que seja a mãe do Adeh.

— Então sempre a conhece — disse a bruxa-feminista num tom acusatório.

— Eu nunca a vi na vida — respondi calmamente.

— Tem a certeza senhor Black? — perguntou a bruxa-feminista

— Não costuma seduzir jovens inocentes para as levar para a cama e depois abandoná-las no dia seguinte como se fossem meros objetos?

Comecei a rir.

— Jovens inocentes! Você anda a fumar coisas estranhas — respondi.

— Deixe-me contar-lhe uma história senhor Black — começou o feitiçeiro-louco — Um dia apareceu em Arambhana uma rapariga grávida. Vinha à procura de um sítio onde viver e criar o seu filho. Recusava-se a falar sobre o pai da criança e sobre a sua família original. Nós acolhemo-la, tal como fazemos com todos os que buscam asilo. Escolheu para si o nome Homa, que quer dizer sacrifício. Era muito reservada, mas aos poucos foi ganhando confiança e foi-nos contando a sua história. A gravidez foi resultado de um ato de rebeldia contra o pai, com quem vivia sozinha. Uma noite fugiu de casa com o objetivo de perder a virgindade. Estava tão desesperada, tão descontrolada, que se deixou seduzir por um homem mais velho que lhe fez a vontade. Semanas mais tarde descobriu que estava grávida. Não sabia quase nada sobre o homem. Nem sequer o seu nome. Quando o pai descobriu o que ela tinha feito expulsou-a de casa. Arambhana tornou-se a sua nova família. Viveu seis meses entre nós, sempre num estado de muita instabilidade emocional. Infelizmente houve uma complicação no parto e a Homa não sobreviveu.

— É uma história trágica com um toque de mistério. Não percebo o que é que tem a ver comigo — respondi, com a voz a acusar alguma irritação.

— A Homa podia não saber o nome, mas nunca se ia esquecer do aspeto do homem com quem perdeu a virgindade — interveio a bruxa — Era um homem moreno de estatura média, de olhos verdes e cabelo bem penteado. Era um snob que a tratava-a por “menina” e usava roupa de marca. Reconhece-se?

— Reconheço uma tendência *new age* para criar teorias esotéricas a partir de coincidências.

— Não há coincidências Lourenço — interveio pela primeira vez a marta-sorridente — Especialmente em tudo o que se relaciona com o Akeh. Se ele te escolheu é porque és importante para ele. Só não percebo é porquê.

— Querem saber porquê? Perguntem à criança — respondi tentando manter a irritação controlada.

— Já perguntámos — respondeu o feiticeiro-louco — Foram os guias que o escolheram a si.

— Então falem com os guias. Ou será que é mais fácil para si — aponte com o dedo em riste para a bruxa-feminista — despejar a sua frustração sexual nos homens que não controla?

Eu conseguia ver que ela fervia por dentro. Quando falou, cada palavra trazia o gume afiado pela raiva que sentia.

— O senhor vai recusar o convite e vai-se embora. Não é bem-vindo em Arambhana.

Levantei-me para sair. Aquela gente era louca.

— O que é que estás aqui a fazer Lourenço? — a doçura com que a marta-sorridente falou, fez a pergunta atravessar as minhas defesas e impregnar-se-me na pele, fazendo-me parar, antes de chegar à porta.

Fiquei preso no pensamento. Voltei-me e senti suporte no seu olhar. A resposta saiu gelada:

— O pai está a morrer e eu não quero estar por perto quando isso acontecer. Não quero ficar triste, nem ter pena. Não quero sentir nada.

Ficaram em silêncio. Acho que nenhum deles estava à espera que também eu buscasse asilo. A marta-sorridente fez tenção de se aproximar de mim. A bruxa-feminista levantou-se de repente, passou por mim e saiu da sala, batendo com a porta. O polícia mau já não tinha argumentos para me acusar.

— O que é que aconteceu entre ti e o teu pai, Lourenço? — perguntou a marta-sorridente.

— Arpana, agora não é hora para terapia — interrompeu o feiticeiro-louco — Temos um assunto mais importante para tratar.

Voltámos a sentar-nos. Algo estava diferente no meu peito. Já não me sentia num interrogatório. Estava mais leve.

— Já alguma vez reparou em coisas estranhas a acontecer em torno do Adeh? — perguntou o feiticeiro-louco.

— Há coisas estranhas a acontecer em todo o lado, em torno de toda a gente — respondi, mais calmo.

— Sim. É verdade. Mas com o Adeh, parece que é diferente. Há uma relação entre as emoções dele e o mundo físico. Elas transbordam da experiência subjetiva dele afetando o mundo que o rodeia.

*Hippies e as suas teorias irresponsáveis.*

— A maratona é um espaço muito emocional — continuou ele — Por isso o companheiro é sempre alguém que já passou pela maratona. Alguém em contacto com as suas emoções e que pode ajudar o yuva a sustentar o que sente. O que nos leva a si enquanto companheiro do Adeh.

Levantou-se e rodeou a mesa até estar parado a meu lado. A marta-sorridente continuava sentada no seu lugar, espedada como quem assiste a um filme de suspense.

— O senhor é rígido, narcisista e mental — estendeu o bastão tocando ao de leve na minha cabeça — Ou seja não sabe nada sobre emoções. Não as exprime e não as quer sentir. Ora, não vejo como é que vai ajudar o Adeh a sustentar emoções que afetam o mundo físico. E se eu já tinha reservas sobre qualquer outra pessoa da comunidade, consigo tenho medo. Eu não vou contrariar o Adeh na sua escolha, mas o senhor pode recusar o pedido. Seria o melhor e ninguém ficaria a pensar mal de si.

*E dar essa satisfação à bruxa-feminista. Nem pensar. Peça tocada. Peça jogada.*

— Pois percebo, mas infelizmente eu já disse que sim. E eu sou um homem de palavra — respondi, levantando a mão com três dedos esticados e o polegar a segurar o mindinho, como se fosse escuteiro, que nunca fui.

— Imaginava que assim fosse — disse o feiticeiro-louco com um suspiro.

Virou-se para a marta-sorridente e ordenou:

— Arpana, ficas responsável por prepará-lo o melhor possível. É essa a tua missão. Boa sorte, senhor Black.

Levantou-se e mesmo antes de sair da sala acrescentou em voz alta:

— Nada de sexo.

As gotas brotavam na minha testa e deslizavam até à ponta do meu nariz. Ali pendiam periclitantes até que eu as soprava e elas saíam a voar como asas delta a largar da Pedra Bonita no Rio de Janeiro. Estávamos dentro de uma tenda em forma de tartaruga, na qual era impossível estar de pé. O pequeno-hippie estava sentado no chão ao meu lado. O seu corpo dançava embalado pelos cânticos que nos chegavam desde o lado de fora. Estávamos nus. A marta-sorridente dissera que era obrigatório e eu resignei-me. A luz cada vez mais tênue vinha de uma pilha de pedras vulcânicas incandescentes no centro. Em menos de um minuto ficámos na escuridão total. Comecei por ouvir o silvo das moléculas de água ao lidarem com a súbita subida de temperatura. Depois senti o vapor a atingir-me o corpo. O ar queimava e os meus pulmões insuflaram como um balão. Senti o pânico a crescer. Os cânticos continuavam cada vez mais fortes. As gotas de suor já não pendiam do meu nariz. Agora escorriam por um riacho que atravessava os meus lábios, salgando-me a boca e seguindo pelo queixo. Um forte aroma a eucalipto despertou-me as narinas. O feiticeiro-louco devia estar a colocar ervas por cima das pedras. Queria deitar a toalha ao chão, sair dali, esquecer tudo aquilo. Lembrei-me do olhar de recriminação que a bruxa-feminista me lançou quando entrei na tenda. Resisti. Tentei distrair-me daquele inferno. Impossível. Sentia-me a sufocar. Foquei-me no pequeno-hippie.

— Está bem? — perguntei-lhe a custo.

— Tenho medo — respondeu.

Éramos dois. Procurei-lhe a mão e senti-o tremer. O chão onde

estávamos sentados ganhou vida, como se a terra também tivesse medo. Ouvi as pedras ajustarem-se entre elas, chocalhadas pelo estremecer da terra. Só podia ser um sismo, um dos duradouros. Os cânticos à nossa volta subiram de volume como se com a vibração das vozes pudessem contrariar a vibração do solo. *Há uma relação entre as emoções dele e o mundo físico.*

— Adeh, deite-se para trás — ajudei-o a estender-se e juntei-me, costas no chão.

Junto ao chão, a temperatura era mais tolerável e sentia-se ar mais fresco a entrar por frestas impercetíveis. Os tremores reduziram-se. O sismo estava a passar. O pequeno-hippie agarrou-me na mão com firmeza e pediu:

— Canta comigo.

Eu só canto bêbado em *karaoques*. Comecei a trautear. *Não existimos. Não existimos. Tudo flui através de nós. Tudo flui através de nós.* Era repetitivo e básico. A minha voz e a do pequeno-hippie misturavam-se, cada vez com mais força. O tremor tinha desaparecido. No meio daquele mantra, do calor impossível e do cheiro inebriante a salva, recordei-me de um momento em que também não conseguia respirar. Tinha quatro anos.

— Idiota. O senhor é um idiota — gritava o pai para o nadador-salvador.

Eu estava deitado na areia, mal conseguindo respirar. O pai estava ajoelhado ao meu lado e levantava-me ligeiramente a nuca com a mão direita. O nadador-salvador andava de um lado para o outro, bufando. À nossa volta tinha-se juntado uma multidão para ver o espetáculo.

— O meu filho ia-se afogando no mar e o senhor está bêbado! Vou fazer queixa às autoridades.

Agarrou-me com a outra mão no rabo e envolveu-me num abraço. Levantou-me. Senti-me seguro. O pânico de me afogar a desaparecer.

— Deixe-me ajudar, senhor — disse o nadador-salvador, aproximando-se.



— Nem se atreva. Só me resta ele. Se por causa da sua incompetência, o meu filho tiver alguma lesão, eu mato-o.

O pai afastou-se da multidão, mantendo-me junto do seu peito. Adorava a sua força, a sua autoridade. Senti-me protegido e amado. O que foi realmente estranho.

— Que entrem as abuelas do Este — a voz do feiticeiro-louco elevou-se por cima dos cânticos. A porta abriu-se e a luz inundou a tenda. Tinha terminado o primeiro ciclo. As lágrimas brotavam do canto dos meus olhos e sorratoriamente juntavam-se às gotas de suor. O pequeno-hippie sorria ao meu lado. Sentámo-nos a desfrutar o ar fresco que entrava abundante pela abertura. A bruxa-feminista apareceu com novas abuelas — as pedras incandescentes. Trazia-as com uma pá e depositava-as no centro, junto das outras. Não olhou para mim, mas consegui vislumbrar-lhe um ar contrariado. A porta fechou-se. A temperatura voltou a subir e o vapor atingiu-me o corpo. Desta vez cheirava a menta. Voltei a deitar-me em busca de ar mais fresco. Cantei com o pequeno-hippie até a porta se voltar a abrir. Este ciclo repetiu-se por mais duas vezes.

No último ciclo o cheiro a salva inebriou-me os sentidos. Sentia-me cheio de energia. O meu corpo balançava-se como um berço de bebé. Tinha as mãos levantadas, como se estivesse a orar. A escuridão. O ar pesado. Imaginava-me nas profundezas da terra. Não era uma tenda. Era o ventre da mãe-terra. Eu era de novo um bebé embalado pelo balanço da barriga da mãe. Havia uma sensação de paz — estava tudo bem. A águia-careca surgiu do nada, desenhada na escuridão, como se um ponto luminoso percorresse o seu contorno num ciclo infinito. Abri e fechei os olhos. Ela continuava lá, independentemente do que eu fizesse com as pálpebras. Olhava-me de frente com as suas grandes asas junto ao corpo, à espera. Eu era um pequeno índio e ela era o meu totem. Quando levantou voo, eu segui-a. Fugiu-me um grito de excitação. Voava, atravessando nuvens com um cheiro pungente a salva. Comecei-me a rir. As gargalhadas começaram a crescer e a ganhar um tom estridente. O embalo deu lugar a um sacudir, como se eu

fosse gelatina. Deixei-me levar pelas sacudidelas. Um som gutural surgiu-me na garganta. Transformou-se num vibrado. Acabei por sucumbir ao cansaço e caí para trás, recebendo com agrado o suporte e a frescura do chão. A águia pousou junto à minha cabeça, abriu as asas e disse na voz do feiticeiro-louco:

— Tudo o que sentimos é nosso.

Quando saímos da tenda, as pessoas em volta ficaram em silêncio, sem se mexer. Procurei a marta-sorridente, mas não a vi. Um arrepio percorreu-me a espinha, desde a nuca até ao sacro. Doía-me o corpo todo, especialmente a lombar. Os primeiros passos provocaram uma série de estalos, como um robô com falta de óleo nas articulações. Respirava sofregamente o ar fresco, finalmente abundante. O pequeno-hippie era um boneco com os membros descaídos, como se lhe tivessem cortado os fios que o ligavam ao marionetista. Esforçou um sorriso, que acabou interrompido por um inesperado balde de água fria. Fomos atingidos na nuca e nas costas. Os meus pelos eriçaram-se. Os músculos retesaram-se. Os ossos doeram-me. Apeteceu-me bater em alguém. Voltaram a despejar-me água e eu esfreguei o cabelo com as mãos relinchando como um cavalo. O pequeno-hippie vacilou e eu agarrei-o pelos ombros. Qual maratona, aquilo era guerra! E nós éramos combatentes saídos de uma batalha, cuja vitória tinha tido um custo elevado. O povo que nos aguardava não nos aclamava, nem nos viajava. Mantinham-se silenciosos como testemunhas proibidas de intervir. Agradei a droga que tinham queimado dentro da tenda. Sem as alucinações não me teria aguentado até ao fim. Envolveram-nos em lençóis brancos e levaram-nos para dentro da casa aquário. A constelação no teto parecia brilhar tenuemente. A sala tinha uma disposição diferente. As mesas tinham desaparecido com exceção de uma pequena, com dois lugares, colocada no centro. Sentámo-nos e pousaram uma tigela fumegante em frente de cada um. Cheirava a cebola. Observei o pequeno-hippie, enquanto ele levava a tigela à boca. Parou a meio caminho, com a tigela suspensa no ar.

— A terra tremeu mesmo? — perguntei-lhe.

A bruxa-feminista caiu logo em cima de nós: — Durante a maratona não há conversa entre o yuva e o seu companheiro. Será que não

é capaz de cumprir a mais simples das regras, senhor Black?

Bruxa maldita! O pequeno-hippie não disse nada, mas vi-lhe a irritação na cara. Até ele estava com pouca paciência para as merdas da bruxa-feminista. Quando ela virou costas acenou com a cabeça, dizendo que sim. Levei a tigela à boca e o meu estômago roncou como se tivesse um animal selvagem alojado. Não acreditava que um sismo pudesse ser tão prolongado. Ele provavelmente também estava alucinado. Mais uma vez, estávamos rodeados de pessoas vestidas de azul, com o colar branco ao pescoço. Vi o rabo-de-cavalo ao lado do feiticeiro-louco. A marta-sorridente continuava desaparecida. Tinham as mãos cruzadas atrás do corpo e observavam-nos. Bebi o creme em três tragos. O calor interno confortou-me. Levaram as tigelas e trouxeram um prato para cada um. Trazia frutos secos, um ovo quente, um montinho de lentilhas e abacate em pedaços. Serviram também um sumo roxo com umas sementes pretas. Ia ficar com fome. Quando terminámos de comer, levaram tudo, incluindo a mesa e as cadeiras. A segunda batalha ia começar. O pequeno-hippie aproximou-se de mim e abraçou-me. Procurei a saída. Imaginei-me a pegá-lo ao colo e a sair dali a correr, para longe daqueles malucos. Ele desembaraçou-se de mim e afastou-se decidido. Se ele queria continuar, não era eu que ia desistir. Espalharam colchões pelo chão à nossa volta. A luz da sala reduziu-se lentamente até desaparecer. Ficámos iluminados apenas pelo brilho da constelação no teto que parecia cada vez mais forte. O feiticeiro-louco saiu do círculo de pessoas e falou:

— Depois do corpo, vem a purificação da mente. Do caos nasce a ordem. Do ódio nasce o amor. Chegou a hora de deixares sair toda a tua raiva.

Aquilo era ridículo. Assumi que estava a falar com o pequeno-hippie. Eu não me ia pôr a gritar feito louco à frente daquelas pessoas. A última coisa que vi antes de nos vendarem, foi o pequeno-hippie a bater com os pés no chão, alternadamente. A música começou com uma batida rápida de um tambor, ao qual rapidamente se foram juntado outros. Batiam de forma caótica, sem um padrão que se pudesse seguir. Ouvi o pequeno-hippie a fungar pelo nariz. Fungava com força e rapidamente, sem parar. Experimentei imitá-lo e comecei a respirar pelo

nariz como a marta-sorridente me tinha ensinado na noite anterior. Era como se eu fosse uma bomba de encher pneus de bicicleta manuseada por alguém com Parkinson. Exatamente o oposto da respiração regular e controlada a que eu estava habituado na corrida. Deviam ter aberto janelas, pois o vento soprava por mim, como se também a sala respirasse. A música e o som do pequeno-hippie ajudavam e rapidamente fiquei embrenhado naquela respiração. O meu corpo era um harmónio que insuflava aos solavancos e se esvaziava aos soluços. Não conseguia pensar em nada. As minhas forças estavam todas concentradas na respiração. A minha cabeça tombava para a frente. Voltava-se a erguer e voltava a tombar. Os braços ajudavam o diafragma, espremendo-o, forçando-o a respirar sem nunca parar. Os meus pés subiam e desciam alternadamente, como se estivesse à volta de uma fogueira a adorar um qualquer deus tribal. Aos poucos a minha sensação de presença foi-se alterando. Só existiam os tambores e a minha respiração. Perdi a noção de tempo e de espaço. Quando a música subitamente mudou, o meu corpo reagiu sozinho. Cerrei os punhos, caí de joelhos num colchão e gritei. Foi como se o ar dentro de uma panela de pressão há anos sobre lume, tivesse finalmente encontrado um espaço para sair. Um grito poderoso arranhou-me a garganta e prolongou-se no tempo. Os tambores desapareceram e no seu lugar surgiu uma música pesada, com linguagem violenta. Senti-me transportado para o início da minha vida adulta em Lisboa. As idas anónimas aos bares *underground* para ouvir *rap-rock*, dançar aos pontapés até de madrugada, gritar *fuck you* e fumar charros. Não sabia se o pequeno-hippie compreendia a letra em inglês, mas aquilo não era apropriado para a sua idade. Imaginei-me com dez anos a gritar *fuck you*. *O que é que o pai teria dito?* Voltei a gritar mas mais timidamente.

— Deixa sair toda a tua raiva — o feiticeiro-louco falava como um pregador a instigar o seu rebanho à violência — É o momento de gritares contra toda a injustiça a que te submeteram.

Começou outra música também agressiva. As minhas vísceras eram canais onde a lava fluía violentamente, mas o vulcão só deixava sair fumaça. Não fazia a mínima ideia do que se estava a passar com o pequeno-hippie. Eu estava preso na luta entre a minha zanga com o

mundo e a minha incapacidade de o expressar. Senti duas mãos a agarrarem-me a cintura e a voz da bruxa-feminista mesmo junto à nuca.

— Zangue-se Black. O Adeh precisa de si zangado.

— Vá-se foder! — gritei de repente, empurrando-a.

A lava tinha finalmente encontrado caminho e a minha erupção começou. Gritei, cuspi, bati com os pés, até que caí de joelhos. Continuei a bater com as mãos nos colchões. Esmurrava a bruxa-feminista, o filho-do-comendador e a mãe-na-moldura. Esmurrava-me a mim. Voltei a ouvir a bruxa-feminista falar, mas desta vez não estava junto a mim.

— A tua mãe morreu para que tu pudesses nascer, Adeh.

Aquela frase foi como o puxar do gatilho que aciona as alavancas que movem o percussor de um revólver. O pequeno-hippie explodiu com um grito tremendo. Senti uma onda de energia atingir-me a parte anterior do corpo. Voei para trás e ao cair bati com a cabeça no chão. A venda saltou-me dos olhos, e eu vi o teto com a constelação a desaparecer, até que perdi os sentidos.

Acordei sentado num avião. Estava em classe executiva, na mão tinha um copo de whisky bem servido, com pedras de gelo. O livro estava pousado no tabuleiro à minha frente. À minha direita estava o pequeno-hippie vestido com a túnica azul. Olhava concentrado para o tabuleiro de xadrez. As peças estavam colocadas para o início da partida. Eu jogava de pretas. Teria tudo aquilo sido apenas um sonho? Uma assistente de bordo estava a cinco metros de mim, de costas, vestida com um fato de banho completo preto. Uma voz fez-se ouvir em todo o avião:

— Senhoras e senhores passageiros, fala-vos o comandante. Estamos a iniciar a descida para o funeral. Por favor, mantenham-se sentados com os cintos apertados, sigam as indicações da tripulação de cabine. Obrigado.

A assistente de bordo virou-se e pareceu-me familiar. O cabelo longo castanho-claro esvoaçava, preso por uma trança fina de cabedal que lhe atravessava a testa. Os olhos verdes fixos em mim. Começou

a dar passos na minha direção. O pequeno-hippie fez-me uma pergunta:

— Onde é que meteste a minha dama?

Reparei que nenhum de nós tinha a dama no tabuleiro. Na verdade, também faltava o rei branco. Antes que o conseguisse avisar, a assistente alcançou-nos e disse:

— Acorda Lourenço. Tens de fazer qualquer coisa.

Recuperei os sentidos. Em vez da mãe-na-moldura, vi a marta-sorridente ajoelhada junto a mim. Tinha um ar assustado. Ouvi gritos. Levantei a cabeça. O círculo de pessoas estava desfeito. Corriam por todo o lado, tentando fugir de um inimigo invisível. Havia vários corpos imóveis, estendidos no chão. A bruxa-feminista era um deles. O feiticeiro-louco tentava acalmar o pequeno-hippie de longe. Não parecia estar a ter sucesso.

— Eu matei a minha mãe! — a cada grito do pequeno-hippie, uma onda de energia sacudia tudo o que estava por perto — E ninguém me disse nada?!

— Tens de o acalmar Lourenço — disse-me a marta-sorridente.

Levantei-me, sem saber o que ia fazer. O pequeno-hippie estava completamente descontrolado.

— Adeh, tu não a mataste, a Homa sacrificou-se por ti — gritou o feiticeiro-louco.

Palavras erradas. Aquela explosão ainda foi maior do que as outras. Não me aguentei em pé e voltei a cair no chão. Não fui o único. Parecíamos peças de dominó a levar com piparotes de um gigante. Voltei a levantar-me. Abri os braços com as palmas da mão viradas para a frente.

— Ei Adeh — gritei.

Ele virou-se para mim. Estava transfigurado. Dentes à mostra como se fosse um lobo enraivecido. Os olhos de um verde flamejante. Os punhos cerrados prontos para a luta.

— O que é que jogava se comesse a partida sem dama?

Ele não respondeu, mas parou de gritar. Respirava sofregamente. Dei um passo na sua direção e continuei.

— Eu jogava b3.

— Para quê? — respondeu o pequeno-hippie, a voz a arranhar.

— Depois jogava bispo para b2 — dei mais um passo.

— Não servia de nada — respondeu — ias perder na mesma.

Dei outro passo.

— Se tudo corresse bem, ainda iria trocar um peão por uma nova dama — respondi-lhe, ao mesmo tempo que chegava ao seu lado e o abraçava.

Ele tentou resistir por um momento, mas depois desfaleceu no meu colo.

— Achas mesmo que isso é possível? — perguntou-me, enroscando-se sobre si próprio.

— Para sobreviver à tempestade é preciso rumar em direção às ondas, por maiores que sejam — respondi-lhe.

Lá fora a chuva caía em catadupa. As lágrimas corriam pelo rosto do pequeno-hippie, aninhado no meu colo. As pessoas rodeavam-nos. A marta-sorridente estava mesmo ao meu lado, fazendo-lhe festas no cabelo.

— Adeh, recebemos o teu medo, a tua raiva e a tua tristeza — o feiticeiro-louco falava de pé em frente ao nosso trio — As tuas emoções são dádivas para este mundo. Que possamos também receber a tua alegria.

Estendeu um colar branco que colocou no pescoço do pequeno-hippie. A sala iluminou-se, os raios do sol de fim de tarde romperam finalmente as nuvens. Imaginei um fantástico arco-íris a atravessar o céu. O pequeno-hippie sorria no meio das lágrimas.

O feiticeiro-louco ainda não tinha terminado:

— A maratona do Adeh chegou ao fim, mas a sua, senhor Black, só termina quando fizer as pazes com o seu pai.

Decidi partir ainda antes do jantar. Talvez chegasse a tempo. Fui despedir-me do pequeno-hippie, mas ele tinha adormecido, exausto. Sentei-me ao seu lado e afaguei-lhe os caracóis. Quase tudo o que vira

acontecer poderia ser explicado por uma inacreditável série de coincidências. Tudo, exceto a explosão de energia que me atirara por duas vezes ao chão. Acreditar na teoria esotérica do feitiçeiro-louco sobre as emoções do pequeno-hippie seria aceitar a hipótese do sobrenatural. O que se seguiria? Falar com os mortos? Eu não estava disponível para isso. Recebi um abraço bem envolvente da marta-sorridente e um até já. O feitiçeiro-louco disse-me para ficar com a roupa, que um ser humano precisa de roupa a sério. A bruxa-feminista não apareceu. Fui encontrá-la na sala da casa aquário. Varria o chão. Sozinha.

— Não quis ir embora sem me despedir — disse-lhe.

— Adeus — respondeu sem olhar para mim e sem parar de varrer.

*Não havia maneira da mulher relaxar.* Aproximei-me, até estar a um palmo dela.

— Eu percebo que só quer proteger o Adeh — disse-lhe — É como se fosse um filho para si, não é?

Parou finalmente de varrer e olhou-me. O corte de cabelo curto e o nariz grande continuavam lá, mas já não me lembrava uma bruxa. Era como se o espetáculo tivesse terminado e ela tivesse deixado cair a máscara.

Pousou a vassoura e sentou-se no chão. Sentei-me ao seu lado.

— Obrigado por ter vindo — disse-me olhos nos olhos e acrescentou — O Adeh tinha razão em querê-lo ao seu lado. Eu sou só uma velha louca que já viu demasiado.

— Somos todos loucos.

Esboçou um sorriso e eu dei-lhe um abraço, que ela retribuiu.

Entrei no carro e saí de Arambhana. Assim que apanhei rede, as mensagens começaram a chegar.

Já não ia a tempo.



Tive imensa dificuldade em estacionar. Acabei por inventar um lugar num beco. Deixei o carro com duas rodas em cima do passeio e apressei-me. Depois de tudo o que tinha passado ainda ia chegar atrasado. Agarrei na gravata e fiz o nó enquanto caminhava. Comecei a ver uma multidão junto à porta. Parei, para me ajeitar, antes que me comessem a abordar. O que eu não dava para ter a tia Berta comigo naquele dia. As pessoas falavam alto, abraçavam-se e riam, como se fosse uma festa e não um funeral. Avancei e o volume reduziu-se abruptamente, como se tivessem ligado o interruptor da vergonha. Recebi vários acenos de cabeça. As pessoas com quem me cruzava eram desconhecidos que me conheciam. O Salvador veio ter comigo.

— O pai está fulo e com razão — disse-me enquanto me agarrava no braço.

— Quando é que começa? — perguntei-lhe.

— Estamos só à espera do padre — respondeu e afastou-se para falar com alguém.

Inspirei fundo antes de entrar. O olhar do tio Joca prendeu-se no meu. Pequenas rugas formavam-se entre as suas sobrancelhas brancas. Largou a mão da tia Mena e veio diretamente ter comigo. Depois de ter enfrentado a raiva pura do pequeno-hippie, achei que a raiva do tio Joca ser-me-ia indiferente. Senti o estômago contrair-se, pronto para o embate.

— Um e-mail?! O seu pai educou-o melhor que isso — disse-me de chofre.

— Olá tio.

— Não me venha com merdas — ripostou — eu tive de organizar

e pagar isto tudo sozinho. Depois faço-lhe chegar a conta.

— Conseguiu despedir-se dele? — perguntei.

— Não tive tempo — respondeu — Não deu jeito nenhum isto acontecer agora.

Então o filho-do-comendador tinha morrido sozinho — tal como eu desejara. Que raio de família que nós éramos.

— Desculpe-me tio. Gostava de fazer uma coisa, antes do padre dar início ao funeral.

Agarrou-me o braço e sussurrou:

— Eu nunca concordei com o que se passou. Lembre-se disso.

Afastei-me do tio Joca sem perceber a que se referia. Passei pela tia Mena, a quem dei um beijo na face. Ela agarrou-me chorosa, dizendo *ó meu filho*, enquanto me dava festas na cabeça como se eu fosse um cão. Aquele choro não era real, mas o que é que era verdadeiro naquela farsa? O homem tinha morrido e agora estávamos todos a fingir que nos importávamos. Despreendi-me do seu abraço. Avancei finalmente para a sala onde repousava o corpo. O pai estava deitado, rodeado de flores. Vestido de fato e com o cabelo branco bem penteado. Parecia dormir em paz. Ao lado do caixão aberto estava uma velhota sentada, muito quieta. Usava um vestido preto, muito mais elegante que o da tia Mena. Tinha um lenço com o qual escondia os olhos. Aproximei-me e pousei uma mão sobre as mãos frias do pai. As lágrimas ameaçaram surgir, mas controlei-me.

— Lourenço? — ouvi a velhota perguntar.

Não respondi.

— Estás igualzinho ao teu pai.

Virei-me. A velhota-elegante tinha pousado o lenço.

— Desculpe — respondi — Não me lembro de si.

— Eu sei, e a culpa é minha — todo o seu corpo tremia ao falar — Sou a Maria ... Black.

O meu coração falhou um batimento. Senti um arrepio percorrer-me a espinha. Não podia ser. Fiquei congelado a observá-la. Os olhos verdes! Será que eu ainda estava a alucinar, sobre os efeitos de Arambhana.

— Está a gozar comigo? — perguntei.

— Não, não estou... — faltava-lhe a voz e as suas mãos tremiam.

Tentei abarcar todas as implicações daquela revelação. Lembrei-me das palavras enigmáticas do feiticeiro-louco. *A resposta que procura não tem essa pergunta.*

— Porquê? — perguntei.

— Quando descobri que estava grávida de ti, tive de fazer uma escolha. Ou a carreira que me aguardava no mundo das artes, ou ser mãe num país sem futuro. Escolhi ir para fora. Tu nasceste porque o teu pai prometeu ficar contigo. Quando cheguei ao meu novo país, senti-me tão sozinha. Passei noites e noites a chorar. Aguentei resoluta. Quando fizeste um ano, enviei uma carta a pedir uma fotografia tua. O teu pai respondeu-me com quatro palavras: Peça tocada. Peça jogada.

Fiquei em silêncio a olhar para o corpo do pai. Como é que ele tinha aguentado não me contar quando eu escolhi o apelido Black em detrimento do seu? Lembrei-me do seu abraço na praia, enquanto gritava *Só me resta ele*. Com um som gutural as comportas finalmente abriram-se e uma enxurrada de lágrimas inundou-me a cara. Comecei a soluçar e a fungar, descontrolado. Ela estendeu-me um lenço, que eu ignorei. Sentia o corpo todo em convulsão.

— Estamos aqui hoje reunidos para encomendar a alma deste nosso irmão à misericórdia do Pai — a voz do padre encheu a capela.

Já mais calmo, tirei do bolso um lenço azul bordado com um L e limpei as lágrimas. As pessoas entravam como ondas, espalhando-se pela sala. Na fila da frente estávamos o que restava da família — o tio Joca, a tia Mena, o Salvador e eu. Ao meu lado continuava Maria Black, no lugar que pertencia à tia Berta. Quando o padre perguntou se alguém gostaria de dizer umas palavras eu levantei-me, dei uns passos em frente, virei-me para enfrentar as ondas e coloquei uma mão no caixão para me dar coragem. Respirei fundo e disse:

— Eu sou o Lourenço Montacute Almeida e este é o meu pai



## Agradecimentos

Agradeço à Carla Barros, quem primeiro leu o que fui escrevendo. A história nasceu das nossas conversas ao jantar, nas viagens de carro e já à noite quando as crianças dormiam. Também foi ela que garantiu que eu tinha tempo de qualidade para escrever, tomando conta de toda a enormidade de tarefas e responsabilidades da família.

Agradeço ao Leonardo e à Sofia por me ensinarem permanentemente o que é uma criança real, com todas as emoções presentes, e não a imagem romântica que tenho tendência a construir. Os diálogos e comportamentos do pequeno-hippie são inspirados neles.

Agradeço ao Bruno Lopes, um engenheiro de *software* incrível, que tem o dom de também ser um editor surpreendente. Foi o Bruno que detetou as minhas inúmeras falhas a nível de estrutura ou da voz da personagem. Agradeço a generosidade com que acompanhou a criação do livro e se dedicou a ler e reler, comentando sem medo de ferir suscetibilidades.

Agradeço ao Adriano Mendes, um contador de histórias premiado, que teve a generosidade de me provocar para que revisse o fim da história. A força do último capítulo deve-se à sua capacidade de encontrar abundância na simplicidade. Também agradeço a criatividade com que transformou a cozinha de nossa casa num estúdio de fotografia para conseguirmos a imagem para a capa.

Agradeço à minha mãe, com quem conto sempre para garantir que o que escrevo está de acordo com um dos acordos ortográficos e não com os dois ao mesmo tempo :)

Agradeço à Teresa Mendes, à Joana Araújo e ao Leonardo Varella-cid pelos seus conselhos preciosos.

Agradeço ainda, a todos os que me têm incentivado a escrever, contribuindo para que eu resgate o escritor que há em mim.

Obrigado.